

Resenha

Vieira, Osnera Silva. Caminhando pelos mortos, caminhando pela vida: conflitos, romarias e santidade no sudeste paraense (c.1980 – c. 2010). Jundiaí: Paco Editorial, 2015. 184 p.

Ádila Vital*

*Mestranda PPGHIST/Unifesspa.

Caminhando pela vida caminhando pelos mortos: conflitos, romarias e santidade no sudeste paraense (c. 1980 – c. 2010), de autoria de Osnera Silva Vieira, é uma obra publicada pela Paco Editorial em 2015, com 181 páginas. O livro é resultado da dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Severino Sombra, em 2012. A obra se debruça sobre duas romarias que acontecem sudeste do Pará: a Romaria da Libertação e a caminhada da irmã Adelaide, assim como os crimes que deram origem a tais práticas religiosas e as violências que envolvem a luta pela terra na região.

A obra tem como tema central as peregrinações, das quais a autora analisou a Romaria da Libertação, que acontece na cidade de Goianésia do Pará desde 1980, e a Caminhada Irmã Adelaide, iniciada em 1985 no município de Eldorado dos Carajás.. Nos dois casos, a violência e os assassinatos em decorrência das disputas pela terra foi o que originou as práticas religiosas. A autora tem como objetivos principais a reconstrução do espaço onde as romarias são realizadas, seus simbolismos, as relações dos fiéis com as peregrinações, a fé e a luta por justiça que envolve essas práticas. Também objetiva apresentar o histórico da luta pela terra no sudeste paraense e os conflitos que assolam até os dias de hoje a região. Munida de uma vasta gama de fontes como relatórios, entrevistas, fotografias e cartas, Osnera Vieira analisa as manifestações religiosas como forma de luta no contexto da violência no campo e a complexo processo de atribuição e reconhecimento da santidade das jovens Elizabete e Elineuza, além da irmã Adelaide.



Mesmo que fiel à prática historiográfica, a autora dialoga diretamente com a Antropologia, tendo sido referenciados diversos antropólogos como Victor Turner, Renata de Castro Menezes, Carlos Rodrigues Brandão, entre outros, o que enriquece e amplia o repertório teórico e analítico do livro. Se valendo da observação participante, Osnera Vieira participa ativamente das romarias nas quais escreve, construindo uma aproximação do entendimento dessa realidade. “Caminhar, rezar e protestar” constituem, ao longo da obra, o tripé das práticas das peregrinações analisadas pela autora. Nas páginas finais do livro, ela conclui que as romarias, ao longo dos anos, passaram de um ato político e instrumento de luta pelo fim da violência para uma prática religiosa marcada pela fé e pela busca da santidade. Ainda que os romeiros se reconheçam como um grupo organizado de protesto, essas ações acabaram por expressar, com o tempo, um encontro entre solidariedade, fraternidade, respeito ao sagrado e devoção.

A obra é dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado *Do medo dos vivos surgem as romarias para os mortos*, a autora discorre sobre o histórico dos conflitos agrários da região sudeste do Pará, tendo como fontes na construção desse panorama os cadernos de conflitos da Comissão Pastoral da Terra na década de 1980 e os jornais da Diocese de Marabá e o Grito da PA-150, antiga PA-155. Além disso, também é analisado o contexto de inserção da Igreja Católica na luta pela terra e na mediação dos conflitos na região. Posteriormente, nos são apresentados os objetos centrais do livro, a romaria da libertação, o caso das jovens Elizabeth e Elineuza e, em seguida, o caso da irmã Adelaide Molinari. As três são reconhecidas como mártires pelos devotos, ou as santas do povo, tendo em vista que ainda não houve o reconhecimento oficial da santidade.

A autora parte da denúncia da violência que marca a história fundiária da região e propõe uma leitura em que o medo e a impunidade se transformam, por meio da religiosidade, em rituais de resistência e luta coletiva. A narrativa inicia com a descrição do contexto que envolve os assassinatos das crianças Elizabeth e Elineuza, em 1980, e da religiosa irmã Adelaide, em 1985. Esses crimes, emblemáticos pela brutalidade e pela concentração de terra, impulsionaram a organização de caminhadas religiosas que uniram fé, memória e protesto. A Romaria da Libertação e a Caminhada Irmã Adelaide surgem, assim, como resposta simbólica à barbárie, convertendo o luto em ação coletiva e o martírio em santidade. A autora destaca o papel central dos romeiros, que ressignificam a morte dessas figuras como ato de sacrifício por justiça, atribuindo a elas a condição de santas não reconhecidas oficialmente, mas legitimadas pelas práticas dos devotos.

Para sustentar sua análise, Osnera utiliza um amplo acervo documental, incluindo cordéis, relatórios da Comissão Pastoral da Terra, jornais e entrevistas. Com base nesses materiais, ela reconstrói as dinâmicas sociais da região, marcada por forte presença migratória, concentração fundiária e intensos conflitos entre posseiros, grileiros, grandes proprietários e o Estado. O capítulo detalha a configuração desse “caldo de cultura explosivo”, como define a autora, ao expor dados alarmantes de assassinatos, ameaças de morte, prisões ilegais e disputas por território no período de 1980 a 1989. Ao analisar o papel da Igreja Católica nesse processo, a autora evidencia a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) como instâncias de apoio, mediação e organização popular. A Igreja, por meio de sua vertente progressista e influenciada pela Teologia da Libertação, se engajou diretamente nas lutas camponesas, assumindo uma postura de enfrentamento diante da omissão do Estado.

Por fim, o capítulo destaca que, mesmo diante das tentativas de reforma agrária e das mudanças políticas a partir de 1985, a violência no campo seguiu alarmante, com inúmeros casos de impunidade e continuidade da repressão. As romarias, nesse sentido, emergem como uma resposta popular à ausência de justiça formal, convertendo dor e fé em luta social. O texto deixa evidente que, no sudeste do Pará, caminhar pelos mortos é também caminhar pela vida — e por um território onde o sagrado se entrelaça com o desejo de transformação.

No segundo capítulo, intitulado *De romaria em romaria buscando a libertação*, Osnera Vieira aprofunda a análise sobre os casos que deram origem as romarias, assim como nos ambienta na região e nas cidades onde os crimes foram cometidos, apresentando as mudanças que ocorreram na construção das peregrinações e no contexto político, econômico e social da região. Inclusive, essa segunda mudança nos é apresentada como uma decorrência da primeira, uma vez que ambas impactaram diretamente na reconfiguração das romarias. É nesse capítulo que a autora recorre a um acervo de fotografias que enriquece a experiência de leitura e amplia nosso contato com os casos e com a construção simbólica das caminhadas. Além dos locais diretamente marcados pelos assassinatos das crianças e da religiosa, o capítulo mostra como as romarias se expandiram para municípios vizinhos, como Curionópolis, Parauapebas, Jacundá, entre outros.

Sob o título *Martírio e Santidade no Sudeste Paraense*, o terceiro capítulo discute o universo místico e simbólico que envolve as santificações, bem como os conceitos de fé, santidade e devoção. A autora delinea os significados de martírio e santidade a partir da experiência dos sujeitos que vivem a devoção e lutam pelo reconhecimento e canonização, em constante tensão com as posições da Igreja Católica, que nem sempre reconhece oficialmente

essas santificações. Neste capítulo, é possível analisar as promessas feitas ao longo das peregrinações como instrumentos de mobilização, incluindo atos de sacrifício em busca de graças e milagres. Destaca-se também, apesar das adversidades e das injustiças que marcam a vida e morte dos mártires, a defesa do martírio como característica da devoção em torno da irmã Adelaide e das crianças Elizabete e Elineuza,. A autora faz um paralelo entre a construção do martírio de Jesus Cristo e o martírio das personagens de adoração na região do sudeste paraense. A participação das comunidades eclesiais de base (CEB) é inserida ao longo do texto, mas principalmente nesse último capítulo, consideradas pela autora como uma entidade subversiva no contexto dessa luta.

A autora propõe compreender a construção da santidade popular a partir de sujeitos marginalizados, como as crianças Elizabete e Elineuza e a religiosa Irmã Adelaide Molinari, reconhecidas como “santas do povo”, embora não canonizadas pela Igreja. A obra recupera relatos de romeiros, cordéis, discursos e práticas religiosas, demonstrando como a fé popular transforma o sofrimento e a dor em força mobilizadora. As figuras das mártires são apresentadas como exemplos de doação da vida em prol da justiça, sendo suas mortes ressignificadas em rituais, promessas e homenagens coletivas.

Por fim, a autora evidencia como os rituais, as promessas pagas com sacrifícios físicos, as imagens de ex-votos e a memória dos mártires compõem uma religiosidade popular marcada pela dor, mas também pela esperança. O processo de santificação, mesmo sem chancela oficial, é vivido intensamente nas caminhadas, nas orações e nos relatos dos fiéis. Ao articular teoria e sensibilidade, fontes diversas e vivências do povo, Osnera Silva Vieira constrói uma análise potente sobre o modo como o sagrado é construído em territórios atravessados pela injustiça, revelando o entrelaçamento entre fé, política, memória e resistência no sudeste do Pará.

A partir da análise do martírio como testemunho cristão e expressão de resistência, Osnera Vieira constrói a discussão em uma perspectiva teológica e também política e social. A autora articula o conceito de martírio à luta por direitos humanos e ao contexto de violência que marca o sudeste paraense. A vida e morte de Irmã Adelaide são narradas como expressão de entrega à missão pastoral e à defesa dos pobres, ganhando dimensão sagrada para os romeiros. As crianças, são vistas como mártires da inocência, assassinadas de forma cruel e injusta, e suas memórias são cultuadas em altares, santuários e orações. A santidade atribuída a elas se forma do cotidiano das romarias, na força do testemunho popular que legitima, pela fé, aquilo que a Igreja ainda não reconheceu oficialmente.

Referências Bibliográficas

Vieira, Osnera Silva. Caminhando pelos mortos, caminhando pela vida: conflitos, romarias e santidade no sudeste paraense (c. 1980 – c. 2010). Jundiaí: Paco Editorial, 2015. 184 p.